

Tipologia Espacial e Primitivos Semânticos do Espaço - uma Proposta de Análise em Português Europeu

HANNA J. BATORÉO

(Universidade Aberta e Laboratório de Psicolinguística (FLUL))

Na base do presente estudo encontra-se uma hipótese genérica forte da Teoria Localista de que toda a nossa existência tem um substrato cognitivo espacial, podendo ser abordada, analisada e vivida em função dele. Do ponto de vista linguístico, considera-se que as expressões espaciais constituem esquemas estruturais de outras expressões de carácter não espacial, evidenciando a importância central que a organização espacial desempenha na cognição humana.

O tipo de análise que a Linguística Cognitiva propõe para a representação do Espaço é uma análise baseada na conceptualização das relações espaciais, mas sem esquecer o valioso contributo dos longos anos da descrição estruturalista¹. O enquadramento teórico de L. Talmy, que constitui a proposta mais consistente neste âmbito, avança uma tipologia centrada em dois conceitos básicos (ou *primitivos semânticos*) da relação espacial, isto é, a Figura (o referente) que se desloca no Espaço e o Fundo (o *relatum*) que constitui o ponto de referência para esta Deslocação. Tendo em conta estes pilares de análise, Talmy propõe paradigmas classificatórios de lexicalização, típicos de línguas ou famílias linguísticas, ou seja, paradigmas conceptuais do Espaço de carácter operacional disponíveis para a discriminação da realidade. Assim, um dado idioma particular - que conceptualiza o mundo de um determinado modo - cria nomes para a realidade discriminada em que funciona (isto é, *lexicaliza*), escolhendo, preferencialmente, um destes paradigmas.

Segundo esta proposta, o Português pode ser enquadrado na padronização lexical típica das Línguas Românicas, exemplificada por Talmy para o Castelhana, em que a lexicalização ocorre ao nível da fusão entre a Deslocação e o Percurso (equivalente à Direcção), dando origem a verbos do tipo *entrar, sair, tirar, pôr*, etc. Esta proposta, de carácter global e esquemático, necessita, no entanto, de uma elaboração e especificação

para as línguas particulares, âmbito para o qual se procura contribuir no que respeita o Português Europeu (Batoréo, 1996).

Se o Português Europeu lexicaliza preferencialmente o paradigma em que ocorre a fusão entre a Deslocação e o Percurso - sendo este fenómeno reconhecido como o mais típico da estruturação do Léxico Espacial em Português - surgem, no entanto, outras regularidades sistemáticas que, apesar de serem menos frequentes ou marcantes, não deixam de contribuir para a caracterização da conceptualização do Espaço nela estudada. Uma análise aprofundada dos verbos espaciais portugueses permite verificar a existência de paradigmas centrados quer na Figura, quer no Fundo, quer ainda no Modo em que a Deslocação é efectuada e em que estes factores podem surgir individualmente ou, então, coexistir (como a Figura e o Modo, por exemplo), tornando transparente a conceptualização subjacente ao nível linguístico. É curioso verificar a coexistência e a grande heterogeneidade ao nível da distribuição dos paradigmas de lexicalização nos casos estudados o que, mais uma vez, embora aqui de um modo indirecto, aponta para a excepcionalidade do carácter regular em que ocorre a lexicalização no caso da fusão da Deslocação e do Percurso.

Partindo dos pressupostos da teoria talmiana, propõe-se que, em Português, quando a lexicalização ocorrer fora do padrão principal da fusão da Deslocação com o Percurso, não será muito representativa nem constituirá o padrão espacial dominante.

O objectivo do presente estudo é analisar os paradigmas relativos aos verbos centrados no FUNDO (Quadro A), em que se podem distinguir dois casos específicos. No primeiro caso, a forma verbal abrange o Fundo e, no segundo, abrange o Fundo e a Direcção. No esquema imagético subjacente ao primeiro caso, um Agente efectua um Movimento cujas características são determinadas pelo Fundo em relação ao qual a Deslocação se desenvolve (como em: *albergar* ou *aquartelar*), enquanto, no segundo caso, estas características são determinadas tanto pelo Fundo como pela Direcção do Movimento desenvolvido (como em *abeirar* ou *desembolsar*). Numa apreciação global, pode constatar-se que nos padrões centrados no Fundo, as características da Figura não são pertinentes e, como tal, não chegam a ser definidas, podendo a Figura ser equivalente ao próprio Agente, a uma parte do seu corpo ou a um outro objecto em Deslocação.

A análise do Quadro A permite constatar que a lexicalização plena é muito menos frequente e abrange, na sua maioria, as palavras vernáculas da língua, enquanto a lexicalização não plena, além de frequente, é verdadeiramente produtiva. É frequente a expressão do Fundo focada em conjunto com a Direcção do Movimento que se desenvolve tendo-o por Alvo. Uma dúzia de exemplos em que a Direcção não é pertinente - ou seja, em que o Fundo é focado individualmente - pertence à área lexical² de protecção, acolhimento e hospedagem -, como se verifica pelos exemplos de *abrigar*, *agasalhar*, *aninhar*, *acoitar*, etc.- em que o Fundo exerce esta protecção em relação à Figura, qualquer que ela seja.

As Direcções privilegiadas na expressão conjunta do Fundo e da Direcção, em Português, são a Aproximação ao Alvo, o Movimento efectuado *para dentro* de um Contentor, assim como o Movimento a este oposto, ou seja, o efectuado *para fora*. No grupo relativo à Aproximação ao Fundo (= Alvo), a área lexical privilegiada é a de navegação em que a *costa* (*terra, beira, riba, bordo, porto, etc.*) é concebida como o Alvo a alcançar. Comparem-se, para o efeito, os exemplos *abeirar, encostar, acostar, aportar, arribar, etc.*, que, no Português Contemporâneo, por extensão metafórica, abrangem mais campos lexicais, sendo a metáfora de Viagem a mais frequentemente utilizada. É comum, por exemplo, conceber-se o amor ou, mais especificamente, uma relação amorosa, como uma Viagem³ cujo objectivo pode ser *acostar* num porto seguro, mas que, num percurso mais atribulado, pode levar a Figura a *afundar-se*. Pelo contrário, no caso do Movimento efectuado *para dentro* de um Fundo, a imagem - e por extensão, também, a metáfora utilizada - é a de Contentor. Se esta imagem é transparente no caso de *caixa - encaixar* ou *frasco - enfrascar*, noutros casos exige conceptualização mais elaborada. Assim, se para alguns o amor é privilegiadamente concebido como uma Viagem, outros há que o reconhecem antes como um Espaço fechado e asfíxiante onde se sentem *encurralados* ou *engaiolados*.

Observe-se que o Português apresenta uma especificidade muito particular - e provavelmente excepcional no quadro linguístico em geral⁴ - que se traduz na lexicalização do Fundo não só por uma forma verbal (Quadro A, ponto 2.1.) - conforme atrás se exemplificou - mas, também, por uma forma nominal (Quadro A, ponto 2.2). Este padrão apresenta restrições formais muito fortes, fazendo parte dele um número restrito de nomes dos quais quatro podem ser considerados como frequentes na linguagem coloquial *rua, cama, mesa e chão*. O nome que designa o Fundo designa também o Movimento desenvolvido em relação a ele. Este Movimento é referido apenas em contextos onde se trata de uma ordem, tendo-se em vista a execução do Movimento com o Fundo por Alvo. No esquema imagético subjacente ao Movimento, o Agente emite uma ordem à Figura (diferente dele próprio), exigindo a sua Deslocação para o Fundo. Além das restrições apresentadas, é de notar que se trata de um padrão de uso muito informal, ou mesmo familiar, sobretudo no que refere aos últimos três exemplos. Em especial no primeiro exemplo, é patente um forte tom emocional, sendo todos marcados quanto à intencionalidade. Segundo o mesmo paradigma formal funcionam, também, os nomes onomatopaicos que designam o movimento para baixo *pumba!*, para cima *upa!*, e expressões de intensidade ou de insistência (força): a forma onomatopaica *pimba!* e a não-onomatopaica *força!* Neste subgrupo o Fundo não está focado, encontrando-se em destaque a Direcção (Eixo Vertical) e/ou Intensidade.

Verificada a especificidade da lexicalização apreciada no paradigma 2.2 do Quadro A, pode constatar-se que os restantes paradigmas centrados no Fundo (1 e 2.1 do Quadro A) têm carácter verbal, predominantemente sem lexicalização plena, em conformidade com o pressuposto inicial. De facto, a lexicalização do Fundo, em Português, não parece ser

produtiva, embora ocorra pontualmente, sobretudo quando o paradigma não compreende a Direcção, isto é, em que o Fundo é o único foco em que o verbo incide. Nos restantes casos de não-lexicalização, a formação dos verbos é efectuada por meio do fenómeno conhecido tradicionalmente como derivação parassintética ou, mais recentemente, como derivação circunfixal⁵, isto é, pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical. Como já se constatou atrás, três padrões se apresentam, aqui, particularmente produtivos: o primeiro centra-se no Movimento desenvolvido em direcção ao Alvo (CHEGAR ao Fundo), o segundo, no Movimento efectuado para dentro (PÔR, METER) em relação ao Fundo e o terceiro, para fora (TIRAR) do Fundo. O segundo e o terceiro caso referem-se a Movimentos opostos, o que transparece na forma dos verbos apreciados, na medida em que os verbos do terceiro grupo são criados a partir do segundo por acréscimo do satélite (prefixo) *des-* que denota o movimento efectuado para fora. No caso do Movimento efectuado para dentro do Fundo do *Contentor* (mesmo que se trate de uma metáfora, como no caso dos *carris* ou de uma *fileira*), o satélite (prefixo) utilizado é *em-* (*en-*) ou *in-*. Em casos pontuais, o prefixo utilizado é *a-*, quando ao conceito de *ingressão* é associado o de *junção*, dando origem a exemplos como *alistar*, em que se trata tanto de *pôr em lista* como de *juntar a uma corporação* (exército, partido) em que se ingressa. É curioso verificar a co-ocorrência de exemplos aparentemente sinónimos como *aprisionar* e *encarcerar*, formados por satélites diferentes. Se no caso de *encarcerar* o sinónimo é, de facto, *meter dentro*, isto é, enclausurar, no caso de *aprisionar*, a imagem subjacente é mais de um Marco Limítrofe, ou seja, de uma Fronteira entre a liberdade e a prisão, do que propriamente de clausura. Para a expressão de Fronteira, tal como na expressão do Movimento efectuado em direcção ao Alvo (concebido como um limite a alcançar), o Português utiliza o prefixo *a-*, como em *abordar*, *abeirar*, etc. Neste subgrupo, concebe-se o limite existente entre o mar e a terra - ou, por metáfora entre a estrada e o campo - como o Alvo a atingir. Quando surgem dois verbos referentes ao mesmo Fundo, como no caso de *acostar* e *encostar*, a diferença parece residir no facto de, apesar de ambos poderem ser considerados sinónimos em certos contextos, o primeiro incidir principalmente na direcção do Movimento (encontrando-se a Figura a alguma distância do Alvo), enquanto o segundo fica privilegiado quando se trata da chegada à Fronteira, e até o *contacto* com ela, como em *encostar à muralha* (e não **acostar à muralha*), ou em *encostar o carro à beira da estrada* (e não **acostar o carro*) ou ainda nos empregos derivados, em que *encostar* significa pôr a Figura contra um Fundo para não cair ou à procura de protecção (*encostar a mesa à parede*). Observe-se, também, o caso do Fundo *local* que está na origem de dois verbos que denotam o Movimento para fora dele *relegar* (= afastar de um lugar para outro, banir, desterrar, desprezar) e *deslocar* (= mudar de lugar). No primeiro caso trata-se de um verbo mais específico do ponto de vista semântico, lexicalizado e mais antigo (séc. XV), enquanto no segundo, estamos perante um verbo atestado só no século XVII⁶, que não apresenta o mesmo nível de lexicalização. Esta é, aliás, uma tendência geral do vocabulário português, em que a lexicalização ocorre nas formas mais antigas da Língua, enquanto o

vocabulário posterior ao século XVII apresenta características de lexicalização menos conseguida. Veja-se, por exemplo, o caso de *lua - aluar* e *lua - alunar*, em que só o segundo verbo, de formação recentíssima, apresenta características espaciais, tendo sido o adjectivo *aluado* atestado já no século XVI⁷.

Quanto à formação dos verbos, é de notar, também, que alguns deles apresentam os infinitivos em *-ear* ou *-ejar*, como se verifica em: *hastear*, *vadear*, *flanquear*, *ladear*, *espaldear*, *rodear*, *tornear*, *tornejear* e *alvejar*. Uma análise do conteúdo semântico dos referidos verbos mostra - conforme se pode verificar pelas definições⁸, apresentadas a seguir - que as acepções prototípicas de três deles, isto é, de *hastear*, *vadear* e *alvejar* referem Movimentos pontuais, portanto, não marcados quanto ao Aspecto frequentativo, contrariamente ao que se poderia defender⁹ à partida.

Verbos centrados no Fundo (exemplos)

<i>hastear</i>	prender no cimo de uma haste, elevar, içar, arvorar, desfraldar.
<i>vadear</i>	passar a vau, vencer uma dificuldade.
<i>alvejar</i>	tomar como alvo, pôr à prova por meio de tiro ao alvo.

Posto isto, não se podem considerar, globalmente, os afixos *-e-* na terminação *-ear* ou *-ej-* de *-ejar* como satélites aspectuais e/ou espaciais. Os afixos dos exemplos em análise não são satélites independentes e, por conseguinte, não funcionam como marcadores semânticos, levando a crer que, neste caso, também se trata de lexicalização, mas, por seu lado, menos transparente do que nos casos até agora analisados. A lexicalização observada é apenas parcial. Repare-se, no entanto, que a situação é distinta no caso dos verbos denotadores de movimento lateral ou circular: *ladear*, *flanquear*, *espaldear*, *rodear* ou *tornear* que são aspectualmente durativos, indicando Movimentos prolongados no tempo ou repetidos com frequência. Sendo afectada a característica do Movimento, o sufixo *-e-* da terminação *-ear* passa a ser considerado, nestes casos, como um satélite marcador espaço-aspectual e a forma verbal como não plenamente lexicalizada, isto é, ainda mais parcial do que no caso anterior. Os exemplos acima citados mostram que, ao nível de análise de línguas particulares, o fenómeno da marcação do satélite é, no fundo, ainda mais complexo do que inicialmente sugerido por Talmy. Uma vez verificada esta complexidade, observa-se que o fenómeno de lexicalização e os paradigmas operatórios a ela subjacentes não podem ser abordados de um modo binário de tipo [+/- presença]. Pensa tratar-se, antes, de um *continuum* de lexicalização que abrange:

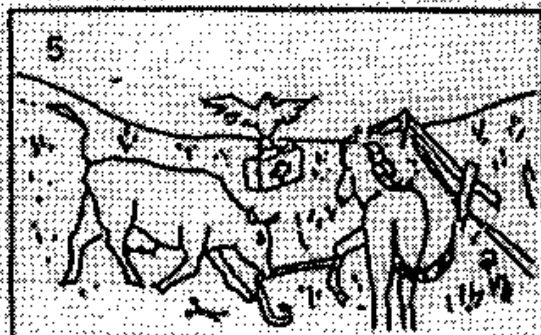
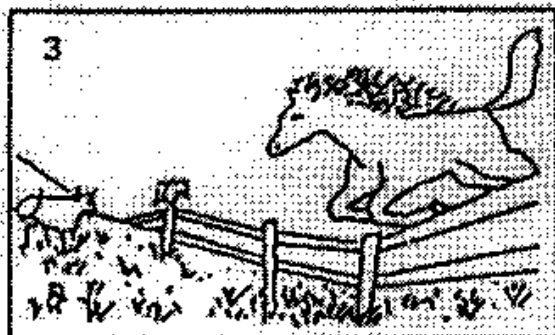
- a lexicalização *plena* (p.ex., *albergar*);
- a lexicalização *parcial* em que o afixo continua formalmente presente sem dispor de carga semântica própria (p.ex., *hastetar*);
- o grau *reduzido* de lexicalização em que o afixo pode ser considerado como satélite, embora se trate na totalidade de apenas um lexema (p.ex., *ladear*);
- a *não-lexicalização* em que surgem dois ou mais lexemas que formam uma lexia (p.ex., *ir-se embora* ou *pôr por cima*).

Esta proposta do tratamento da heterogeneidade do fenómeno de lexicalização leva-nos a propor uma apresentação formalizada em que se distinguem casos de lexicalização plena (marcada de um modo forte ++), por um lado, e, por outro, a lexicalização não conseguida plenamente: +/-). Esta divisão não abrange apenas os casos dos paradigmas dos verbos centrados no Fundo atrás discutidos mas, também, os outros paradigmas centrados na Figura e no Modo.

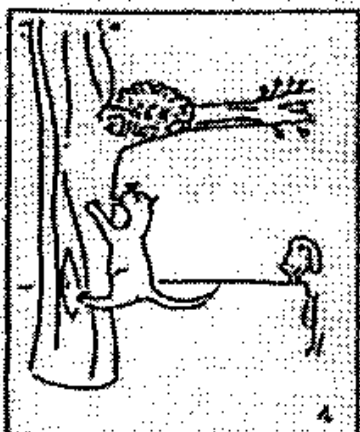
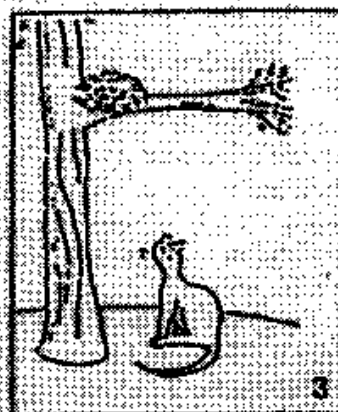
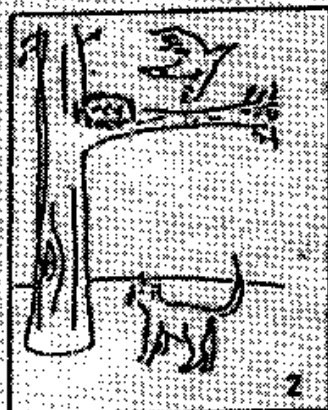
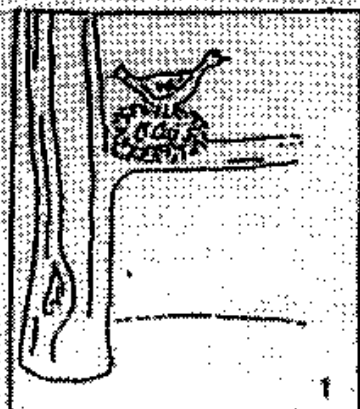
Espaço: Paradigmas de lexicalização - quadro sinóptico

Padrão centrado em:	Lexicalização plena (Radical)	Lexicalização não plena (Radical + marcador)
(a) Fundo, (b) Figura, (c) Modo		
(A) FUNDO		
(1) MOVIMENTO + FUNDO	<i>ex. albergar</i>	<i>ex. aquartelar</i>
(2) MOVIMENTO + FUNDO + DIRECÇÃO		
(1) Verbo	<i>ex. atalhar</i>	<i>ex. arribar</i>
(2) Nome	<i>ex. rua!</i>	
(B) FIGURA		
(1) MOVIMENTO + FIGURA		
(a) Figura = fenómeno meteorológico	<i>ex. chover</i>	<i>ex. trovejar</i>
(b) Figura = secreções do corpo	<i>ex. suar</i>	<i>ex. gotejar</i>
(c) Criar a Figura	<i>ex. estriar</i>	<i>ex. esburacar</i>
(2) MOVIMENTO + FIGURA + DIRECÇÃO	<i>ex. escamar</i>	<i>ex. enlaçar</i>
(3) MOVIMENTO + FIGURA + MODO	<i>ex. galgar</i>	<i>ex. enrolar</i>
(4) MOVIMENTO + FIGURA + PERCURSO	<i>ex. alcatifar</i>	<i>ex. empoar</i>
(C) MODO	<i>ex. voar</i>	<i>ex. esvoaçar</i>

História do cavalo



História do gato



NOTAS:

1. "I suspect, too, that cognitive linguistics will eventually have to make its peace with "classical" categories, and structuralist notions such as lexical relations and semantic components, rather than treating them as enemies to be repudiated at all costs; perhaps they can be incorporated in a way analogous to that in which Einstein's theory of relativity incorporated, rather than repudiated, Newtonian physics." (Cruse, 1992,182).
2. Deste grupo faria parte, também, *guarida - guarir*, mas como salienta J. P. Machado (1952/1977) , Tomo 3, p. 188 "este verbo cedo desapareceu do uso corrente, pois não o consigo documentar seguramente depois do séc. XIV". Originalmente, pertenceria aqui *domesticar* (de lat. *domus*), acepção que se perdeu no Português Europeu.
3. Cf. Lakoff & Johnson, 1980.
4. Não temos conhecimento da indicação de qualquer outra língua em que este paradigma funcione. É de notar, no entanto, que enquanto formas como por exemplo, em Inglês, *Bed!* , podem ser, pontualmente, consideradas na linguagem familiar como formas reduzidas de expressões do tipo *Go to bed!*, será totalmente impossível pensar em utilizar os mesmos critérios para o caso dos equivalentes ingleses do português *Rua!* ou *Chão!*
5. Rio-Torto, 1993.
6. Dados segundo J. P. Machado (1952/ 1977).
7. Segundo J. P. Machado (1952/1977)
8. Definições citadas de acordo com o *DLP*, Porto Editora, 7ª ed.
9. Cunha e Cintra, 1984, 102.

BIBLIOGRAFIA:

- BATORÉO, H. J. 1996 *Contribuição para a Caracterização da Interface Expressão Linguística - Cognição Espacial no Português Europeu. Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas Provocadas* 2 volumes, Dissertação de Doutoramento, FLUL, Lisboa, 1996.
- CRUSE, D. A. 1992 "Cognitive Linguistics and Word Meaning: Taylor on Linguistic Categorization (Review of: J. R. Taylor, *Linguistic Categories: Prototypes in Linguistic Theory*, Oxford: Clarendon Press, 1989)", *Journal of Linguistics*, 28, 165-183.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. Lindley 1984 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. 1980 *Metaphors we Live by*, The University of Chicago, Tradução polaca e prefácio de T. Krzeszowski, PIW, Warszawa, 1988.
- MACHADO, J. P. 1952 *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 3ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- RIO-TORTO, G. M. 1993 "Formação de Verbos em Português: Parassíntese, Circunfixação e/ou Derivação", *Actas do IX Encontro da APL*, Coimbra, 351-362.
- TALMY, L. 1975 "Semantics and Syntax of Motion", in John P. Kimball (ed.) 1975, *Syntax and Semantics*, vol. 4, New York, Academic Press, 181-238.
- 1976 "Semantic Causative Types", in Shibatani (ed.), *Syntax and Semantics*, Vol. 6, New York, Academic Press.

- 1978a "Relations Between Subordination and Coordination", in J. Greenberg, C. Ferguson & E. Moravcsik (eds.), *Universals of Human Language*, Stanford, CA: Stanford University Press, 487-513.
- 1978b "Figure and Ground in Complex Sentences", in J. Greenberg, C. Ferguson & E. Moravcsik (eds.), *Universals of Human Language*, Stanford, CA, Stanford University Press, 625-649.
- 1983 "How Language Structures Space", in Pick & Acredolo (eds.), (1983), 225-282.
- 1985 "Lexicalization Patterns: Semantic Structure in Lexical Forms", in T. Shopen (ed.) *Language Typology and Syntactic Description*, Vol. III, *Grammatical Categories and the Lexicon*, Cambridge, C.U.P..
- 1988 "The Relation of Grammar to Cognition", in Rudzka-Ostyn, B. (ed.), (1988), 165-206.
- WIERZBICKA, A. 1980 *Lingua Mentalis: The Semantics of Natural Language*, Sydney, Academic Press.
- 1988 *The Semantics of Grammar*, Amsterdam-Philadelphia.
- 1992 *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts*, N. Y., Oxford University Press.
- 1993a "La Quête des Primitifs Sémantiques", in B. Peeters (ed.), (1993), *Langue Française. Les Primitifs Sémantiques*, 98, 9-23.
- 1993b "Les Universaux de la Grammaire", B. Peeters (ed.), (1993), *Langue Française, Les Primitifs Sémantiques*, 98, 107-120.